

# O autoritarismo em questão

Reinaldo Matias Fleuri

"Uma prática autoritária acontece quando a decisão final sai de uma pessoa e os demais têm que aceitá-la". Esta foi uma das afirmações que deram início ao debate com Paulo Freire no dia 18 de agosto passado. O tema "autoritarismo" foi considerado um dos mais relevantes entre os que foram levantados pelos vários grupos que estão participando do Ciclo de Estudos sobre Educação Popular.

Segundo os participantes, a nossa prática tende a se estruturar de forma autoritária porque as pessoas e os grupos incorporaram a expectativa de que o chefe deve determinar o que os subalternos devem executar. E quando alguém disposto a mandar encontra outro disposto a se submeter, surge uma relação autoritária, em que o primeiro acaba decidindo arbitrariamente, ou seja, segundo suas perspectivas e interesses, deixando de lado os interesses do outro.

As estruturas sociais, a própria organização dos ambientes condicionam o estabelecimento de relações em que um decide e outros se submetem, um fala e outros escutam passivamente. Os alunos, por exemplo, que entram numa sala de aula, onde as carteiras estão enfileiradas na direção do quadro negro, tendem a ouvir e acatar passivamente o que o professor fala e decide. Ou então, a televisão que estimula no telespectador uma atitude de passividade, despejando informações parciais, acaba se impondo arbitrariamente na vida das pessoas e das famílias.

Entretanto, "mandar ou ser mandado não é destino, nem para as pessoas, nem para sociedades", diz Paulo Freire. A sociedade é autoritária porque assim se tornou historicamente, por fatores econômicos, políticos e culturais. Por isso mesmo, a sociedade pode mudar e o autoritarismo pode ser superado, a partir de nossa prática, de nossa luta por transformar a sociedade.

A busca por transformar radicalmente a sociedade, a luta por criar e ampliar espaços de liberdade, exige coerência. Não é possível lutar contra o autoritarismo, sendo autoritário, isto é, com arrogância, sectarismo, intolerância. Ao contrário, "a tolerância — diz Paulo Freire — é necessária para quem luta pela transformação social. E tolerância é a capacidade de conviver e discutir com os companheiros que têm opiniões diferentes, para poder lutar contra o antagonico". Para combater as estruturas autoritárias, é preciso desenvolver relações de diálogo.

O diálogo — em que as pessoas procuram conhecer e transformar juntos o mundo — promove uma relação não-autoritária: ao mesmo tempo que as posições arrogantes são questionadas, cria-se uma dinâmica em que todos participam das decisões importantes. Surge, assim, um novo tipo de poder, a forma autêntica de autoridade, em que o saber e o poder é participado efetivamente por todos. Neste contexto, a liderança autêntica é a que consegue expressar com clareza as expectativas e a vontade de todos, contribuindo para o coletivo enfrentar e superar seus conflitos, de modo a tomar as decisões em função de suas necessidades fundamentais.

Mas como um grupo pode atender às próprias necessidades quando os meios para satisfazê-las estão nas mãos de apenas alguns? Pois, controlando os meios para satisfazer às necessidades de uma coletividade, um indivíduo ou uma minoria pode controlar autoritariamente a maioria. Para que isso não aconteça, parece preciso criar formas de controle coletivo dos meios de produção, de informação, consumo etc. E aqui se levanta um desafio para nós: como fazer para que, no setor, no programa, na instituição em que trabalhamos, haja condições estruturais para todos participarem de todas as decisões significativas para a comunidade? Em outras palavras, como criar formas não-autoritárias de ação?

Leia e assine  
**opção**